

## CAÇADA AOS MOSQUITOS: DISCURSOS E EMBATES QUANTO AS QUESTÕES DE SAÚDE PÚBLICA EM FORTALEZA (1916-1935)

Ana Karine Martins Garcia\*

No final do século XIX e início do século XX os discursos e ações relacionados ao combate aos mosquitos e moscas tornaram-se mais frequentes. As pesquisas médicas e as novas teorias construídas com a microbiologia favoreceram para o fortalecimento dessas questões. No entanto, esse era um campo novo para os médicos em Fortaleza, uma vez que muitos desses métodos de tratamento estavam ainda em processo de estudo e tinha-se somente por base as pesquisas trazidas de outros estados e países.

Nesse artigo, observa-se como a compreensão da aceitação e aplicação dessas novas teorias e conceitos da medicina sobre o tratamento de doenças, inclusive a febre amarela, estão ocorrendo e percebe-se como os médicos lidaram com a interferência e aplicação de novos métodos trazidos pela Comissão Rockefeller ao Ceará a partir de 1923.

Nos relatórios dos inspetores da higiene notou-se que constantemente aparecem métodos e formas que deveriam ser aplicadas pela população no combate aos mosquitos e moscas, uma vez que esses insetos eram considerados pelos médicos, na época, como vetores responsáveis pela transmissão das doenças mais recorrentes e que traziam graves prejuízos à cidade.

“Entre nós os principaes fócios de mosquitos, verdadeiros viveiros nos quintaes, são algumas cacimbas. Quando todas as cacimbas da Fortaleza forem substituídas por um abastecimento de água encanada ou por poços instantaneos, as condições de hygiene da cidade serão sensivelmente melhores”. (Relatório da Inspeção de Higiene Pública do Estado do Ceará, maio de 1916, pp.19-20). Assim, analisando alguns dos documentos referentes à organização da saúde pública da cidade, como relatórios e ofícios dos presidentes entre os anos de 1910 a 1920, observou-se que grande parte dessas fontes atribuíam a proliferação desses mosquitos e moscas à falta de esgotos, abastecimento de água e à falta de higiene da população em Fortaleza.

...oito mezes de tentativas energicas e tenazes vieram por fim demonstrar que por maior que fosse a bôa vontade era baldado todo esforço porquanto si os mosquitos desapareciam em uns continuavam em outra ponto vizinho, vieram demonstrar, que sem água encanada e esgoto é impossível um tal serviço porque ou é completo extinguido de todo o mosquito ou não se faça porque por menor que seja o numero dos restantes, não se pode viver coberto da febre amarella.<sup>1</sup>

---

\* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História Social - PUC-SP. Email: anakarineg@hotmail.com

Nas palavras do Dr. Abdenago da Rocha Lima, consegue-se perceber que resolver a questão do combate aos mosquitos não era algo tão simples. E que encontrar a solução para deter a proliferação desses mosquitos não estava somente na construção de um sistema de esgoto e abastecimento de água para Fortaleza como ele acreditava, mas era necessário resolver outras problemáticas que envolviam a estruturação e organização política, econômica e social da cidade como saneamento, habitação, trabalho, pobreza..., ou seja, atingiam outros interesses que não estavam relacionados somente com o melhoramento da saúde e quando esse problema não era resolvido abalava tanto a vida da população quanto os setores econômicos responsáveis pelo desenvolvimento da cidade como foi o comércio.

No entanto, essa tarefa, como já visto, não era algo tão fácil, pois neste momento eram poucas as ações voltadas a deter a proliferação dessas doenças, principalmente, por ser esse um campo novo para os médicos que atuavam em Fortaleza. Assim, acredita-se que as medidas voltadas aos tratamentos eram de responsabilidade e geradas mais pelas iniciativas dos médicos ligados aos cargos da saúde pública do que para os que trabalhavam nas clínicas e hospitais em geral.

Ao analisar as fontes observou-se primeiramente que as ações de combate aos mosquitos vão ser mais frequentes a partir dos anos de 1913, uma vez que os casos de febre amarela e malária (impaludismo) passam a estar mais recorrentes e os médicos ligados à higiene pública do Estado do Ceará e ao Centro Médico Cearense passam a falar mais sobre esse assunto nesse período e também a participar mais ativamente das ações voltadas ao tratamento e prevenção das doenças transmitidas pelos mosquitos.

Vários fatores contribuíram provavelmente para que a partir da década de 10 do século XX houvesse uma maior preocupação com a prevenção e luta contra esses mosquitos. É possível que o aumento das pesquisas e as descobertas de novas teorias, os interesses econômicos, o aumento das doenças na cidade e também o início das campanhas do Governo Federal e da Fundação Rockefeller tenham sido fatores importantes para que esse assunto tivesse uma maior repercussão entre os médicos e a administração pública de Fortaleza.

Dentre os procedimentos indicados estava a eliminação dos pontos de reprodução desses mosquitos e que de acordo com o inspetor de higiene pública estavam localizados nas cacimbas e águas paradas das moradias de Fortaleza. Assim, para evitar a reprodução desses mosquitos nesses locais foram sugeridas as seguintes ações:

- a) Tenham peixes, como os chamados barrigados ou peixinhos vermelhos que devoram as larvas. Devem ser assim os lagos artificiais de jardins, os tanques extensos de água não potável, etc;
- b) Estejam cobertos por uma tela milimétrica ou



qualquer outra matéria que impeça em absoluto a entrada de mosquitos adultos para a postura, permitindo contudo o arejamento. Devem ser assim todos os depósitos de água potável (cisternas, etc) caixas d'água para banho e usos domésticos, cacimbas, etc.) Tenham a superfície coberta por uma camada de petróleo que sobre nadando impede a postura do mosquito adulto e a respiração das larvas porventura existentes antes. Pode-se fazer assim com todas as porções de água inútil e irremediável e cacimbas servidas por bombas. D) Sejam exgotadas completamente de sete em sete dias, não dando tempo assim a evolução da larva até o nascimento do mosquito. É o que se deve fazer com as jarras de água potável, tanques diversos, bebedouros, etc.<sup>ii</sup>

É relevante mencionar que essas ações não eram inéditas dentro do campo de combate aos mosquitos, pois tanto nos demais estados brasileiros como nas campanhas de divulgação e atuação da Fundação Rockefeller em outros países no começo do século XX vinham empregando esses e outros métodos para que tais enfermidades fossem eliminadas.

A análise da historiadora Lina Faria permitiu que se notasse como a falta de recursos de alguns estados impediam a realização das mudanças na área da saúde fossem realizadas. “A impossibilidade de a maioria deles enfrentar problemas de saúde, sem o apoio material e financeiro do Governo Federal, contribuiu para que este interferisse de forma direta nos períodos de recrudescimento das crises epidêmicas e abriu caminho para uma parceria internacional representada pela Fundação Rockefeller...” (Lina, 2007, p.55)

Desse modo, analisando o caso do Ceará, percebe-se que no decorrer de sua História sempre houve nos auge das crises a necessidade das ajudas externas seja por questões da falta de recursos financeiros do estado como da falta de meios tecnológicos e de profissionais da área da saúde para atender essas necessidades.

A participação do Centro Médico Cearense durante esse processo de prevenções e combate aos mosquitos foi notada mais no campo das denúncias escritas do que propriamente nos procedimentos, evidentemente, que sem contar aqui com as atuações sozinhas de alguns de seus membros. E mesmo nesse meio dedicado à escrita, muitas das vezes, somente se apontava as causas do problema e a solução ficava sob a responsabilidade do governo.

Estudar e analisar esse processo de campanhas e atuações dos médicos contra os mosquitos é necessário para a compreensão das relações entre esses profissionais cearenses e aqueles que apareceram a partir dos anos de 1918, seja os funcionários do Governo Federal ou da Comissão Rockefeller e que tinham como proposta implantar métodos de prevenção e ações contra febre amarela, malária e outras doenças presentes no interior e na capital cearense, a fim de impedir a propagação dessas enfermidades em outras regiões do Brasil.

Desse modo, não se pode pensar que esses novos procedimentos trazidos ao Ceará eram desconhecidos pela classe médica de Fortaleza, uma vez que alguns já eram aplicados

em outros estados e acabavam chegando por meio dos médicos cearenses formados nesses estados ou através dos congressos e encontros profissionais.

Apesar da insuficiência de fontes que demonstrassem diretamente o descontentamento médico com relação a essa interferência do Governo Federal e da Comissão Rockefeller no Ceará a partir de 1923, pode-se pensar que não deve ter sido tão calmo esse processo, afinal, esses grupos acabavam por demonstrar que suas presenças eram necessárias, já que não se tinha uma organização e nem profissionais capazes para resolver as questões mais urgentes da saúde pública. Como então pensar que somente houve aceitação dos médicos nessas intervenções e rejeição da população à aplicação desses métodos de prevenção e combate às doenças mais predominantes. Será que isso não causou incômodos aos médicos que atuavam em Fortaleza?

Quando na história atual aponta-se a atuação da Comissão Rockefeller no Ceará lembra-se com destaque das campanhas contra a Malária no interior do Estado em 1938 e costuma-se achar que esse foi o momento mais central e atuante da Rockefeller no Ceará. No entanto, a análise de fontes como a revista Ceará Médico, os Relatórios da Inspeção de Saúde Pública, Relatórios da Comissão Rockefeller e alguns jornais da época permitiu que se observassem outros instantes dessa presença e intervenção. E isso possibilitou ver alguns dos conflitos existentes entre esse grupo e a população. Esse fato motivou a pesquisar mais esse assunto e entender os motivos que levaram as agressões aos funcionários da Rockefeller e à rejeição a aplicação de seus métodos. Contudo, é relevante lembrar que a Comissão Rockefeller somente começou a atuar no Ceará, oficialmente, no ano de 1923, a partir do contrato firmado com o Governo Federal, e que entre os anos de 1918 a 1923 a interferência e ações eram mais do Governo Federal, através da criação da Liga Pró-Saneamento e das campanhas contra a febre amarela.

Em 1916 veio pela primeira vez ao Ceará representantes da Rockefeller Foundation. Eles seguiam um plano de visitas que estavam sendo realizadas tanto em alguns dos estados brasileiros como também em alguns dos países da América Latina e tinham como objetivo fazer pesquisas e observar as formas de prevenção e tratamento usadas por esses locais para as doenças mais frequentes transmitidas pelos mosquitos e também por vermes nematódeos, como foi o caso da ancilostomose. E por fim oferecer ajuda a esses países para que fosse realizado o controle e a eliminação dessas enfermidades.

A visita desses membros da Rockefeller ao Ceará, em novembro de 1916, foi registrada nas páginas da revista Norte Médico e nas atas de reunião do Centro Médico Cearense. De acordo com as descrições encontradas nessa fonte esses representantes

compareceram à reunião do Centro Médico acompanhado pelo Inspetor de Higiene Pública o Dr. Carlos Ribeiro membro dessa associação.

Os nossos dois notáveis visitantes acompanhados pelo nosso companheiro da redacção, que superintende a hygiene no Estado, o dr. Carlos Ribeiro, fizeram grande número de investigações, estudos e visitas durante os poucos dias que aqui se hospedaram, e assistiram a sessão do Centro Médico em que aquelle nosso collega fez a leitura do capitulo do novo regulamento de Hygiene, referente à prophylaxia da febre amarella, trabalho para o qual tiveram expressões de louvor.<sup>iii</sup>

Percebe-se o quanto o Centro Médico tinha um respaldo social e mesmo indiretamente uma participação nos principais fatos ligados à saúde pública, através da atuação de alguns de seus membros nos cargos públicos. É relevante notar que os visitantes da Rockefeller conheceram a situação da saúde pública sob olhar desses profissionais que demonstraram, através da apresentação do regulamento de hygiene, que o Ceará já seguia os novos métodos de combate aos mosquitos causadores da febre amarela e que aplicavam de forma satisfatória esses procedimentos. Sabe-se que isso fazia parte de um discurso para demonstrar que os médicos e profissionais da saúde no Ceará já se adaptavam às inovações da medicina e não eram atrasados. É provável que esse discurso tivesse como objetivo demonstrar aos representantes da Rockefeller que os métodos empregados pelos médicos cearenses na prevenção e eliminação da febre amarela também eram eficientes. Esse tipo de discurso fez parte em outros momentos da História do Ceará, em que se tentava demonstrar que aquilo trazido de fora não era sempre visto como inovador.

As visitas da Comissão Rockefeller em diversos países do mundo tinham como meta realizar pesquisas e estudos sobre as enfermidades mais recorrentes nesses locais e assim determinar as causas e tratamentos preventivos para as doenças provocadas, principalmente, por vírus e parasitas. Sabe-se que a Fundação Rockefeller, a princípio, tinha como objetivo reunir e centralizar as ações filantrópicas da família Rockefeller nos Estados Unidos, contudo, como demonstrou Maria Gabriela Marinho em seu trabalho, essas ações filantrópicas tomaram proporções mais amplas e em larga escala e passaram a dissociar e excluir a imagem de uma fundação voltada exclusivamente para a caridade. (Marinho, 2001, p. 38)

Na ata da reunião do Centro Médico Cearense do dia 13 de novembro de 1916 consta a referência de que os dois membros visitantes da Rockefeller também realizaram uma palestra sobre os métodos empregados nos Estados Unidos para deter o avanço desses mosquitos e transmissores por eles combatidos, mas antes ouviram do Dr. Carlos Ribeiro as profilaxias empregadas no Ceará, demonstrando que esses procedimentos tinham também

eficácia e conseguiram controlar a proliferação dos mosquitos e a propagação dessa enfermidade.

Conseguiu-se observar que o processo de contato dava-se provavelmente com as seguintes intenções: primeiramente, conhecer o funcionamento da saúde pública local e regional a partir do contato com os responsáveis por essa organização; segundo, observar os métodos e as formas empregadas para deter as doenças provocadas por mosquitos, insetos e parasitas; terceiro, demonstrar os trabalhos e objetivos da Fundação Rockefeller e seus procedimentos aplicados com sucesso e que têm eliminado essas doenças do território norte-americano. E por fim manter um contato e realizar estudos e estratégias de como poderão agir nesses locais para a aplicação de seus métodos.

Entender a presença e a atuação da Comissão Rockefeller no Ceará permite analisar como os médicos de Fortaleza vão agir e pensar com relação a esses métodos que em grande parte já vinham sendo adotados antes mesmo da chegada dessa comissão, mas que a problemática nesse caso estava centrada na falta de recursos financeiros e na adoção dos procedimentos pela população. E que isso vai ser resolvido aparentemente pela Rockefeller a partir dos recursos aplicados nesta área da saúde no Ceará e da obrigatoriedade no cumprimento das prevenções e ações higiênicas, através de práticas rígidas e fiscalizadoras da população.

Efetivamente, somente vamos encontrar ações mais diretas da Rockefeller no Ceará a partir de 1923 mediante acordo firmado com o Governo Federal, uma vez que anteriormente as obras de tratamento e combate a essas doenças estavam sob a responsabilidade direta do governo do estadual e somente a partir da criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 1920 ampliou suas áreas de atuação. “...assinado em 11 de setembro de 1923 e homologado pelo decreto no 16.300 do governo brasileiro em 31 de dezembro de 1923, estipula que a Fundação Rockefeller, em colaboração com o DNSP, se encarregaria da eliminação da febre amarela no norte do Brasil por meio de destruição dos mosquitos (...). O pessoal técnico e administrativo será recrutado pelo DNSP, em acordo com a Fundação Rockefeller.” (Lowy, 2006, p.149)

Essa foi a primeira campanha da Fundação Rockefeller no Brasil e tinha como pretensão erradicar os mosquitos da febre amarela do nordeste brasileiro, uma vez que essa doença era ameaça para a imigração e o comércio. No Ceará, os casos de febre amarela eram muito insignificantes comparados a outras doenças como a varíola, gripe e malária, no entanto, o acordo permitiu que a Comissão Rockefeller passasse a atuar mais diretamente no Ceará e em outros estados nordestinos com a finalidade de eliminar os mosquitos

responsáveis pela transmissão da febre amarela.

Um dos métodos utilizados pela Comissão Rockefeller para o combate às larvas dos mosquitos da febre amarela era a utilização de peixes nos reservatórios de água existentes em cada casa da cidade. Mas, o Diretor do Serviço de Saúde do Estado do Ceará em 1924, o Dr. Clóvis Moura Barbosa, apontou em seus relatórios vários problemas e afirmou que a utilização de peixes nos reservatórios domésticos era ineficaz, pois acabava trazendo prejuízos à higiene da população, uma vez que os peixes morriam nesses locais e também eliminavam seus resíduos na água que era utilizada para cozinhar e para beber. No entanto, o chefe da Comissão Rockefeller no Ceará Lucian Smith rebateu as acusações afirmando que eram raros os casos em que peixes morriam e apodreciam nesses tanques e que as inovações técnicas que se utilizavam impediam essa poluição apontada pelo Diretor do Serviço de Saúde do Estado do Ceará.

Um outro método que foi bastante aplicado e criticado foi o uso do óleo (petróleo) e, como se observou na documentação pesquisada, trouxe grandes conflitos em sua aplicação nas residências de Fortaleza. Mas, analisando o relatório de Lucian Smith, notou-se que diante das reclamações e medidas tomadas para resolver essa situação foi logo solucionada e chefe da comissão Rockefeller no Ceará afirmou que seria aplicado de uma nova tecnologia dentro das caixas d'água para evitar que essa água de consumo da população sofresse algum dano ou poluição.

A solução com relação ao peixes foi a construção de cones que pudessem isolar os peixes dentro dos tanques, mas ainda permitir que continuassem a eliminar as larvas. No entanto, como apresentou Smith em seu relatório de 31 de dezembro de 1924, esse método havia sido sugestão do Dr. Antônio Peryassú quando esteve em visita pelo Ceará e sua aplicabilidade não havia sido experienciada ainda e desse modo não se tinha a certeza de sua eficácia.

Um fator importante que se deve mencionar é que não se notou durante a passagem dessa Comissão a participação mais direta dos médicos locais, ao contrário, os únicos contratados que estiveram junto a esse grupo foram os chamados “mata-mosquitos”, que foram selecionados entre a população. Pode-se então pensar que possivelmente muitas das discordâncias e críticas tenham originadas, sobretudo da classe médica de Fortaleza que vinha tendo uma participação mais ativa na cidade e que com a chegada desses outros profissionais passaram a perder seu espaço. Evidentemente, no geral as fontes mostram mais elogios a esse trabalho da Rockefeller do que censuras, porém, observando a ausências dos médicos nessas campanhas preventivas e alguns artigos de jornais que levantam dúvidas à eficácia das ações



da Comissão Rockefeller, pode-se pensar que, mesmo indiretamente, mostravam-se contrários ao trabalho trazido e implantado por esse grupo.

A presença da Comissão Rockefeller em Fortaleza esteve cercada de certa dualidade, pois ora foi vista como salvação ora como empecilho. Apesar da ausência de informações mais detalhadas sobre tal atuação, percebeu-se que esse grupo trouxe mudanças no comportamento e estrutura da cidade. Saber se foi favorável ou desfavorável não é o interesse dessa análise, mas perceber que a população local e, sobretudo os médicos reagiram de diversas formas aos métodos que estavam sendo aplicados por esse grupo. É um assunto que merece ainda muitas análises e que ainda é pouco abordado, talvez pela ausência de fontes, mas também pelo desconhecimento, já que quando se fala de Comissão Rockefeller no Ceará somente se conhece sua atuação no interior em 1939 no combate à Malária.

### **Referências Bibliográficas**

FARIA, Lina. Saúde e política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Rio de Janeiro-RJ; Editora Fiocruz, 2007.

LOWY, Ilana. Virus, mosquitos e modernidade: febre amarela no Brasil entre ciência e política. Rio de Janeiro-RJ; Editora Fiocruz, 2006.

MARINHO, Maria Gabriela S. M. da Cunha. Norte – americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas-SP, Autores Associados, 2001.

### **Notas**

---

<sup>i</sup> Relatório da Inspeção de Higiene Pública do Estado do Ceará, 30 de abril de 1913, p.100.

<sup>ii</sup> Relatório da Inspeção de Higiene Pública do Estado do Ceará, 1º de maio de 1916, pp. 19-20.

<sup>iii</sup> Revista Norte Médico, outubro, novembro e dezembro de 1916, p.16.